

LITERATURA, CRIATIVIDADE E DOCÊNCIA

Audiney José Pereira¹

Luzia Rodrigues da Silva²

Resumo: este texto propõe o desenvolvimento de atividades didáticas ancorado nas concepções de Coelho (1980) relativas à Literatura como ato criador, bem como defende o estudo de textos literários como forma de construção de eventos de letramento capazes de estimular nos estudantes a produção de textos marcados pela ficção e a criatividade, especialmente pela observação – nos textos literários – de aspectos relacionados à intergenericidade e ao intertexto, conforme Adam e Heidmann (2011). Tais atividades didáticas buscavam se constituir pela participação dos estudantes na composição de textos narrativos, especialmente do gênero conto, na forma como o define Massaud Moisés (1997). Por parte do docente, foram realizadas intervenções que se centravam no estudo de textos literários e texto motivador, indicando mudanças na forma e estrutura dos textos relativas à ação, ao número de personagens, ao uso dos tipos de discurso, ao desfecho e à agregação de temas e técnicas de composição de um texto em outro; que apresentavam uma situação em que os estudantes deviam contar histórias de forma coerente, podendo recriá-la pela imaginação; que definiam um tema para pesquisa, discussão e posterior construção de texto; que estimulavam a composição de elementos e partes do texto coletivamente, com ajuda e mediação do docente; e, por último, que solicitavam a composição de narrativas com base nos estudos, discussão e partes construídas. O Trabalho evidencia certa preferência dos estudantes por condições de composição escrita nas quais possam exercer a criatividade e a imaginação; bem como indica – baseado em Adam e Heidmann (2011) – o potencial do estudo das relações entre textos associado ao estímulo à criação de textos marcados pela ficção.

Palavras-chave: Criatividade; narração; intertexto.

O presente trabalho justifica-se pela necessidade de se focar o ensino da Literatura por uma perspectiva que não a reduza à “Historia da Literatura”, das “Escolas Literárias”. Assume, ancorado nas formulações de Torre e Praun (2006), que tal redução leva a uma demasiada reprodução e memorização de definições relativas à Literatura, mitigando o papel da criação nos processos de composição escrita. Assim, desenvolver e difundir práticas de letramento capazes de colocar no centro dos procedimentos didáticos aspectos como imaginação, elaboração estética, planejamento de sentidos e construção dialógica, tornaram-se um requisito para a docência e pesquisa nos campos da Arte e Linguagem.

O trabalho baseia-se em uma experiência de ensino desenvolvida em 10 aulas de Língua e Literatura, em turmas de 2ª série do ensino médio, no ano de 2012. O objetivo geral da atividade consistia em construir práticas de letramento escrito relacionadas à produção textual e à Literatura, que sejam capazes de incorporar a criatividade a partir de concepções como ficção, elaboração do plano da expressão e problematização em textos narrativos. Seus objetivos específicos eram: trabalhar formas de caracterização de personagens e problematização de temas a partir do uso do diálogo (tipos de discurso); indicar formas de intensificação da trama/conflito por meio das ações; e demonstrar o uso do intertexto nas criações de textos narrativos.

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação / PPGEEB-CEPAE, da Universidade Federal de Goiás – audineypereira@yahoo.com.br

² Profa. Orientadora do Programa de Pós-Graduação / PPGEEB-CEPAE, da Universidade Federal de Goiás – luzro7@yahoo.com.br

Partiu-se da concepção de Coelho:

Literatura é Arte, é um ato criador que por meio da palavra cria um universo autônomo, onde os seres, as coisas, os fatos, o tempo, o espaço, assemelham-se aos que podemos reconhecer no mundo real que nos cerca, mas que ali – transformados em linguagem – assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção. (COELHO, 1980, p. 23)

Sendo um ato criador, a Literatura e seu ensino devem iminentemente estar ligados à criatividade e às formas de se desenvolver e construir habilidades de letramento relacionadas à Arte e à expressividade. Torre e Praun (2006) nos orientam sobre criação, conhecimento e aprendizagem:

O conhecimento da Arte proporciona uma compreensão do mundo através de uma visão estética. A Arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que se pode mudar as referências a cada momento e que se pode ser flexível. Com este ponto de vista, criação e conhecimento são indissociáveis e a flexibilidade é condição imprescindível para aprendizagem. (TORRE e PRAUN, 2006, p. 60 e 61)

Assim deve-se considerar, com vistas na posição de desses autores, que o trabalho e conjunto de atividades demandados estão inteiramente ligados ao campo da imaginação.

Sobre isso, Suanno e Silva trazem contribuições esclarecedoras:

A imaginação e a possibilidade de criação serão tanto mais ricas e significativas quanto mais variadas forem as vivências e experiências de uma pessoa e uma das vivências mais importantes e significativas no processo geral de desenvolvimento do ser humano é a escolar.

A tarefa primordial das atividades de ensino e aprendizagem planejadas na escola é iniciar e conduzir as crianças e jovens no processo de aprender a pensar por conceitos, aspecto fundamental do processo geral de desenvolvimento e que também eleva a capacidade de imaginação e conseqüentemente de criação. (SUANNO e SILVA, 2013, p. 51)

Os procedimentos didático-pedagógicos consistiram de cinco ações desenvolvidas pelo docente. De início, pediu-se que os estudantes lessem o texto “Hábito Nacional”, de Luís Fernando Veríssimo. O texto foi escolhido por apresentar: a) *situação inicial inusitada*: várias personalidades civis e militares estão em um avião que ameaça cair e fazem orações com versões resumidas de seus crimes; b) *ações inusitadas dos personagens*: São Pedro pede que se identifiquem pelos crimes; c) *organização incomum do enredo*: o céu é apresentado como um Estado, onde existem Câmaras representativas e poder executivo; d) *problematização do assunto* – além de ser feita por meio das ações – *desenvolvida pelos diálogos*: pelos crimes confessos e pelas falas de São Pedro relativas aos requerimentos e pedidos de entrada no céu, além da fala final, problematizando o fato de haver pessoas “acima da lei”, graças à concentração do poder de decidir e às relações de influência; e e) narrativa construída a partir do *foco em mais de uma ação*. Essas características foram apresentadas aos estudantes, explicando-se que constituem estratégias eficientes para construir narrativas pequenas que visam problematizar um determinado tema. Para a próxima ação, distribuíram-se quatro fábulas com o mesmo título (O lobo e o cordeiro) dos autores Esopo, Fedro, La

Fontaine e Millôr Fernandes. Foram formados grupos e os estudantes – depois de ler um dos textos – indicavam um colega por grupo para comentar uma das fábulas que ainda não tivesse sido comentada. Cada comentador executaria duas tarefas: recontar a fábula de memória e indicar as características que a diferenciavam das outras já comentadas. Além disso, havia a seguinte regra: o comentador, quando não se lembrasse de partes do texto, podia preencher as passagens da história com a imaginação, usando elementos novos: ações, diálogos, mudanças no desfecho, desde que ao final houvesse coerência narrativa. Ao final das exposições dos estudantes, o professor apresentou um texto motivador por ele, intitulado o “O lobo e o carneiro”. Em cada fábula, evidenciaram-se as características e operações de transformação, de acordo com os autores. Empenhou-se em mostrar: a) a passagem do sentido de drama nos textos de Esopo, Fedro e La Fontaine para um sentido de humor, no texto de Millôr e do sentido de humor para um sentido de discurso político e participante, no último texto apresentado; b) a mudança dos efeitos moralizantes de texto para texto; c) a ampliação dos diálogos, do número de personagens e ações a partir do texto de Millôr; d) as variações no desfecho, com Esopo, Fedro e La Fontaine seguindo um modelo próximo de desfecho, Millôr – pela inversão do papel da argumentação (logro, enganação, manipulação) nos personagens e agregação de novos personagens – criando um novo desfecho e novo “efeito moralizante”; e e) a agregação de várias dessas técnicas de composição no último texto: ampliação dos diálogos, ações, número de personagens e criação de um desfecho onde nem lobos nem carneiros são destruídos na situação de conflito, aproximando a concepção da narrativa da concepção de História como um “devir de lutas e transformações”. Para a terceira ação, o docente sugeriu a criação de uma narrativa sobre a prisão do ex-governador de Brasília, José Roberto Arruda. Solicitou-se que, na aula seguinte, os estudantes levassem textos, notícias, jornais e revistas relacionados a três aspectos ao menos: o caso do governador, o contexto comum de uma prisão e o agentes envolvidos no caso. Apareceram muitos textos sobre política e corrupção em geral, além de enunciações relacionadas ao senso comum e à política. Discutiram-se as informações durante uma aula: os estudantes liam as manchetes, comentavam-nas e tentavam dizer de que forma podiam ser usadas em uma narrativa. Nas aulas seguintes, decidiu-se nas salas – que compartilhavam textos – pelo uso dos textos que tratavam dos seguintes temas: recebimento de propina pelos políticos de Brasília, conforme vídeos da Polícia Federal; fuga do banqueiro Salvatore Cacciola, após receber Habeas Corpus; relações entre a mídia e o governo (caso do Correio Braziliense que recebeu 2,9 milhões do governo Arruda, em contrato sem licitação); e denúncias de corrupção envolvendo juízes do STF, publicadas em Carta Capital. Para a quarta ação, o professor deu as seguintes

orientações para serem trabalhadas em grupo e apresentadas: a) definir o início do texto: por diálogos ou pela voz do narrador, focando ações, personagens, fatos ou ideias; b) definir a quais textos, informações fariam referência, por meio da situação inicial/conflito, das ações, da voz do narrador e/ou dos diálogos; e c) começar a construção de cenas, ações e diálogos. Enquanto ouvia as várias sugestões das salas sobre o enredo e a estrutura, o docente ia anotando as sugestões de cenas, diálogos e passagens. Decidiu-se nas salas que a versão final reproduziria uma situação que representasse o ex-governador preso na PF recebendo uma visita. Haveria um diálogo entre o governador e um de seus aliados, ou entre ele e seu advogado, ou entre ele e o vice. E, ao longo do texto, apareceria um terceiro personagem. Assim, reunindo várias contribuições das salas, o docente apresentou a seguinte sequência, composta por letras do alfabeto:

“_A) O quê? Você enlouqueceu./ Só pensei nisso. É a única chance./ Está louco. Não pago./ B) Bom, quando falei com o pessoal, parecia que já sabiam de nosso “plano de defesa”./ C) Mais que merda! Que inferno! Sabem mesmo explorar um homem fragilizado. Ok! Peça ao PO. Ele vai providenciar. Eu quero sair de qualquer jeito. Entendeu?/ Está certo, governador./ D) Só há duas saídas. A primeira, com comprovada eficiência para parar e arquivar processos contra corruptos, o senhor conhece bem./E a segunda?/O senhor terá que sair do país./Que bom! Eu gosto mesmo das Ilhas Jersey./Mas lembre-se que não poderá voltar./Por que eu voltaria?/ E) “E então, Nélio, quando é que eu saio?/ Calma, governador, a situação é difícil.../ Difícil!?...Você recebe quinhentos mil pelo processo pra me dizer o óbvio./Ofensas só pioram a situação. Precisamos calcular nossos passos: ocultar fatos, negar evidências, ‘calar’ testemunhas, desqualificar acusações, ‘convencer’ juízes/Seu idiota, pare de me dizer o que eu já sei. Quero saber como, com quê meio você vai me tirar daqui. F) Até que em fins algo começa a sair como o planejado./Tem mais, governador: quem vai dizer ao PO que ele não receberá os dez milhões de volta?/Arruda olha para ele. Indignado, furioso. É uma extorsão velada. Mas, afinal, a liberdade!.../ O PO que se dane.” G) Bom!... É... Eu vou precisar de mais dinheiro./Mais dinheiro?.../O senhor sabe melhor de que eu: a boa vontade de alguns depende de nossa carteira./Quanto?.../Cinco!/Dólares?/ Reais./Você devia ter providenciado sozinho os cinco mil./Não governador. São cinco milhões./ H) Dias depois, o advogado volta à cela. Tenta parecer constrangido, envergonhado. Como enfrentar o governador nesse estado?/ I) O senhor será cassado a qualquer hora. Aí vai pra Papuda./ J) E daí?/ Quando falei nos cinco milhões, riram de mim e me disseram que isso não dá nem pra comprar dois votos de ministro. E o senhor sabe: nós precisamos de três. Vou precisar de dez milhões./ K) Conseguiu o negócio?/Bom, governador, eu não queria.../Já entendi! / responde

gritando / Hipócritas! Cansaram de negociar?!... O que disseram?/Sabe como são esses negócios... Perguntaram sobre o dinheiro./Acharam pouco?/ Não! Dez dava para todos. Não são tão “gulosos”. São gente razoável. L) Quiseram saber de onde viria./E?!.../ Quando falei que era o PO, aí não quiseram. É medo. O dinheiro que o PO ganhou é mais sujo do que as secretarias de vosso governo. O senhor sabe. Ia dar muito trabalho pra lavar, principalmente sem o senhor e o PO no governo./E o que faremos?/ Bom!... / Olha para os lados, avalia, fala baixinho:/ M) Merda. Fale com o PO. Ele pode providenciar./Mas eu quero sair daqui, entendeu?/ N) E então?/Fale baixo governador./O quê?/Acho que alguém gravou nossa conversa da última vez./Como?... É um absurdo, não se está mais seguro nem dentro da cela PF. O que aconteceu?/ O) Na outra semana, o advogado manda um “aliado” conversar com Arruda./ P) O senhor sabe: com a propaganda e o apoio que teve da imprensa para difundir seu nome, antes do escândalo, corre o risco de os nativos o conhecerem e não quererem o senhor por lá. E o que é pior: há sempre a hipótese de um turista brasileiro em Jersey te reconhecer e dizer: “Olha. É o Arruda, fugitivo da Justiça brasileira”. Foi assim com o Cacciola./E quem respeita a justiça brasileira lá fora? Além do mais, para Jersey, só vai quem está acima da Justiça./Há o risco de o senhor tomar um tiro./Não renuncio./Certo! Mas terei que falar com a bancada de deputados aliados, para eles fazerem o contato com nossos meninos lá na Papuda./ Q) Não aguento mais comer marmitta, usar banheiro de preso, pedir pra urinar e, o que é pior, esse maldito papel higiênico barato”.

Os estudantes deveriam – na quinta ação – reordenar as letras formando um texto e usar as marcas adequadas de acordo com os tipos de discurso (direto, indireto, indireto livre), para isso poderiam observar as barras que separam as frases na sequência, pois cada barra indica a troca de falante ou a voz do narrador. Se quisessem, podiam ignorar até 5 partes, desde que conectassem as outras de maneira coerente, bem como podiam criar novas partes ou mudar o desfecho. A maioria dos estudantes nas salas optou por ignorar letras e reconectar as partes criando cenas e passagens novas ou novos desfechos. Questionados sobre o motivo da escolha, a resposta mais comum foi que consideravam isso “mais fácil” e que o texto ficava “com mais sentido”. Ao final, o docente mostrou umas das ordens possíveis de organização da sequência proposta (ordem: e q g a i m h n b j c o k l d p f) e desenvolveu orientações sobre o uso dos tipos de discurso nesse tipo de texto.

Considerações Finais

Incorporar ao ensino da Literatura a sua função criadora exige uma ação pedagógica voltada tanto para o estudo de autores da Literatura – suas técnicas, composição, temas, contexto, objetivos – quanto para aspectos como intergenericidade e intertexto. Tal ação

poderá se encaminhar para a produção textual em sala de aula focando gêneros típicos do mundo narrado, com os quais é possível estimular a criatividade por meio da ficção.

O trabalho sinaliza que – no desenvolvimento do letramento escrito, marcado pelo mundo narrado – transmitir conceitos rígidos (gêneros e escolas literárias, tipos de discurso e elementos da narrativa) é pouco efetivo. O desenvolvimento de tal competência tende a exigir, por parte do docente, mais de que um trabalho com a “produção” escrita, mas uma mediação – planejada, sistemática e fundamentada – para a criação escrita. Na ficção, os personagens surgem de um contexto e sua cosmovisão de um interdiscurso. De um contexto (acontecimentos reais, fatos da História, valores, ideologia), constroem-se cenas agregando-se a elas um pouco de absurdo, inusitado, novo. Do interdiscurso, dos “já ditos”, das opiniões correntes, das falas públicas repercutidas, das posições publicadas e majoritárias fazem-se os “retalhos” discursivos que compoem os diálogos dos personagens. O trabalho demonstrou dois aspectos da criação escrita desse tipo de gênero: 1) acionar frames, scripts ou modelos de textos – estabelecendo intergenericidade (ADAM e HEIDMANN, 2011) – para estruturação do texto e de seu sentido é um recurso importante, como no caso do texto “O lobo e o carneiro”, em que se pode acionar um script relacionado à industrialização do século XIX, ao proletariado e às greves e à relação capital-trabalho. Com isso fica fácil ler elementos novos como sal, templo e oferta, ligando-os – respectivamente – a suor, salário, exploração, ideologia e alienação. E 2) Criar novas ações, agregar novos elementos, colocar fatos e ações em novos contextos são características típicas de quando narramos para satisfazer necessidades cotidianas, estéticas ou didáticas, pois quando a memória não consegue reter tudo, ou quando não queremos/podemos dizer tudo, a imaginação preenche os vazios da história narrada dando-lhe coerência, sentido. A narrativa convoca a criatividade. A docência a exige: para organizar procedimentos, para dar exemplos, para criar textos.

Referências Bibliográficas

ADAM, Jean-Michel; HEIDMANN, Ute. **O texto literário: por uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura&Linguagem**. 3ª Ed. São Paulo: Quíron, 1980.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. 13 Ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; SILVA, Carlos Cardoso. Resiliência, adversidade criadora e educação. In: **Resiliência, Criatividade e Educação**. _____(org.) et Al. Goiânia: América, 2013.

TORRE, Saturnino de la; PRAUN, Andréa Gonçalves. **Creatividad y arte. Um nuevo caminho para la inclusión social**. Revista Creatividad y Sociedad. Nº 9 (2006). P p.19-32